

## RUA ANA NÉRI

Lei nº 1380 de 17-10-1955.

Formada pela rua 23 do Arruamento Bueno de Miran  
da - Cambuí

Início na rua dos Alecrins

Término na rua Liráucio Gomes

Cambuí

Obs.- Lei promulgada pelo Prefeito Municipal An  
tonio Mendonça de Barros.

## ANA NÉRI

Ana Justina Ferreira Néri nasceu na antiga Vila Cachoeira do Pa-  
raguaçu, Bahia, a 13-dezembro-1814 e faleceu na cidade do Rio de Janei-  
ro, a 20-maio-1880. Muito jovem, Ana Nério casou-se com o capitão de  
fragata Isidoro Antonio Nério, tendo três filhos. Enviuvou-se logo, de-  
dicando-se à educação dos filhos. Em 1865, com a eclosão da guerra en-  
tre o Brasil e o Paraguai, resolveu seguir para o campo de batalha, a-  
companhando ao seu irmão e os três filhos, um militar e dois médicos.  
Obtida a autorização, a 13-agosto-1865 parte para a frente de batalha.  
Sobrepujando a todas as dificuldades solicita servir na retaguarda das  
tropas, "...nos hospitais, onde se façam precisos, com o que me satis-  
farei, os impulsos de mãe e os deveres de humanidade para com aqueles  
que ora sacrificam suas vidas pela honra e brio nacionais e pela inte-  
gridade do Império". Durante quase todo o tempo da longa campanha, per-  
maneceu ela ao lado dos nossos soldados, acudindo-os nos hospitais em  
Salto, Corrientes, Humaitá e Assunção. Foram cinco anos de desvelo, de  
dedicação e despreendimento. Suportou Ana Néri as maiores fadigas, os  
espetáculos mais cruciantes. Certo dia, entre os mortos e feridos leva-  
dos ao acampamento, encontrou o cadáver desfigurado de um dos seus fi-  
lhos. Ao fim da guerra, recebeu em seu regresso excepcionais homenagen-  
sendo cognominada "A Mãe dos Brasileiros". Ana Néri quem nos deu a pri-  
meira enfermeira a deixar o sossego do lar para dirigir-se ao campo de  
batalha. Foi ela a precursora entre nós, da Cruz Vermelha Brasileira,  
figurando nome da abnegada patrícia entre os da fundadora da Cruz Ver-  
melha Mundial. Por decreto de nº 2.956 de 10-agosto-1928, o governo bra-  
sileiro instituiu o "Dia da Enfermeira Brasileira", simbolizada em Ana  
Néri.

**LEI N.º 1380, DE 17 DE OUTUBRO DE 1955****Dá o nome de "Ana Néri" a uma rua da cidade**

A Câmara Municipal decreta e eu, Prefeito do Município de Campinas, promulgo a seguinte Lei:

Artigo 1.º — Fica denominada "Ana Néri", a Rua 23 do arruamento Bueno de Miranda, a qual, tendo início na Rua dos Alecrins, termina na Rua Dr. Liraucio Gomes.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 17 de outubro de 1955.

(a.) — *A. MENDONÇA DE BARROS*, Prefeito Municipal.

Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal, em 17 de outubro de 1955.

O Diretor (a.) — *Admar Maia*.



### Ana Neri



A 13 de dezembro de 1814, nasceu em Cachoeira do Paraguaçu, Bahia, Ana Justina Ferreira Neri, falecida no Rio de Janeiro a 20 de maio de 1880. Casada muito jovem, aos trinta anos de idade perdia o marido e ficava com o encargo da educação de três filhos. Com o advento da guerra com o Paraguai, seus irmãos alistaram-se nos batalhões de Voluntários da Pátria e em breve o gesto era imitado pelos três sobrinhos, filhos de Ana Neri. Com os seus nos campos de batalha, nasceu-lhe a idéia de juntar-se a eles. Assim evitaria a angústia de uma solidão distante, ao mesmo tempo em que prestaria um serviço à pátria. Obtida permissão, incorporou-se ao Exército e seguiu para a frente de batalha, tendo servido nos hospitais de sangue de Salto, Corrientes, Humaitá e Assunção. Foi cognominada a "Mãe dos Brasileiros" e ao voltar à Bahia teve recepção consagrada.



## 20 de maio

1880 — Falece no Rio de Janeiro dña. Ana Justina Ferreira Nery, nascida na vila de Cachoeira do Paraguaçu, no sertão da Bahia, a 13 de dezembro de 1814. Casou-se muito jovem com o capitão de fragata Isidoro Antonino Nery e, bem moça, ficou viúva, com três filhos. Na guerra com o Paraguai, os dois mais velhos, Pedro Antonio e Isidoro Antonio, incorporaram-se às fileiras do Exército, como voluntários. Em seguida, o mais moço, estudante de medicina, resolveu também partir para o campo da luta. Foi então que Ana Nery escreveu ao governador da Bahia, Manuel Pinto de Sousa Dantas, oferecendo seus serviços em qualquer hospital de sangue do Rio Grande do Sul. Satisfeito o pedido, foi ela incorporada, como primeira enfermeira voluntária, sendo por isso considerada precursora da Cruz Vermelha Brasileira. Pela sua dedicação aos feridos, foi cognominada "Mãe dos Brasileiros". Foi recebida triunfalmente em Assunção quando o Exército brasileiro ali entrou victorioso, e não menos triunfal foi a sua entrada na cidade onde nasceu. Em sua homenagem, o Hospital de Enfermeiras do Rio de Janeiro leva o seu nome.

## ANA NERY

Hoje comentaremos a vida de uma grande brasileira, cujo exemplo de inconfundível bravura legou à posteridade a confiança no extraordinário papel de mulher — soldado — Ana Nery. Não raro, quando muitas das vezes nos achamos em algum hospital, acompanhando um doente ou sendo este, deparamos com uma dessas almas abnegadas e heróicas que no anonimato revivem a figura inconfundível da primeira enfermeira militar do Brasil.

Ana Justina Ferreira Nery, nascida no Estado da Bahia e pertencente a ilustre família de patriotas que, como militares, sempre souberam conservar bem alto o nome de nossa querida Pátria, ainda pôde integrar-se mais nesta carreira ao consorciar-se com o bravo marido Capitão de Fragata, Isidoro Antonio Nery. Portadora de um caráter firme, de uma personalidade marcante e alimentada pelos ideais patrióticos que eram habitualmente tratados por tão insígnies patriotas, Ana Nery, num gesto de altruísmo inexcedível e de renúncia, da mãe que sacrificava tudo: beleza, mocidade, comodidade, saúde e a própria vida, coloca-se à disposição da Pátria juntamente com seus três filhos que já haviam seguido para as lutas nas terras paraguaias. Era a primeira enfermeira voluntária do Brasil.

Façamos uma pausa e meditemos nesta vida, na audácia e no arrojo daquela mulher forte que se sacrificou em benefício de seus semelhantes, de seus irmãos, numa época em que a mulher tímida e es-

condida por entre o trançado das rótulas não participava das lutas externas e nem sequer se atrevia a tomar tal posição.

Ana Nery devia ser uma alma transbordante de fortaleza cristã, saturada da convicção da verdadeira Caridade para ter a coragem de romper todos os preconceitos da época e partir para as longínquas terras dominadas por Solano López. Ela correspondeu bem à palavra de ordem que desde a criação, a mulher recebeu de Deus Pai: «Não é bom que o homem fique sozinho; façamos-lhe uma companheira semelhante a ele». E a mulher foi orlada para a felicidade de Adão, que a chamou «Eva: Mãe dos vivos». Feita «semelhante ao homem», a mulher, através dos séculos, tem sido sua companheira, sua auxiliar, sua colaboradora. E Ana Nery não cerrou seu coração ao apelo da Natureza — fazendo da felicidade alheia a razão de sua vida.

Cinco anos esteve entre os maiores perigos, socorrendo os nossos Patriotas, alentando com uma abnegação estóica os feridos que tombavam gloriosamente nos campos de batalha.

Com um sorriso para cada soldado, um alento para o sofredor, um consólio para o moribundo, foi cognominada pela tropa «Mãe dos Brasileiros». Sentindo naturalmente a força do «Amai-vos uns aos outros», a sua caridade não se limitava somente ao soldado brasileiro. Para ela todos eram irmãos, a dor não tinha Pátria, o sofrimento não tinha mil-

(Continua na 5ª página)

(Conclusão da 4ª. pág.)  
cia, a caridade era para todos; quer fossem brasileiros, quer fossem prisioneiros paraguaios. E como se ainda não bastassem as agruras da terra inóspita, o cansaço que não era poupado, as noites confundidas com os dias, eis que a dor vem fer-la profundamente com a perda de um de seus filhos, e para mais prová-la, este é encontrado por ela própria entre os bravos tombados em luta cruel.

O seu lar, transformado em hospital, e mantido às suas expensas, era o bázis dos hé-

róis soldados, naquele deserto de charcos, miasmas, intempéres e sofrimentos.

Encanecida pelo peso dos anos e pelas agruras sofridas, quis Deus vê-la de retorno à sua Pátria, onde foi acolhida entre as mais expressivas demonstrações de reconhecimento e apreço.

A 20 de maio de 1880, na cidade do Rio de Janeiro, extinguiu-se a vida desta enfermeira-padrão que se imortalizou entre os lídimos heróis nacionais, vida esta dedicada ao bem e à virtude.

MARIA FRANCISCA



# Ana Neri, heroína da Guerra do Paraguai, foi fundadora da Cruz Vermelha

NO dia 13 de dezembro de 1814, nascia, na pequena vila de Cachoeira do Paraguai, na então provincia da Bahia, Ana Justina Ferreira, que, ainda muito jovem, contrahiu matrimonio com o capitão de fragata Isidoro Antonio Neri, que faleceu em 1844, quando de uma viagem ao Maranhão. Viuva aos trinta e poucos anos, Ana Neri consagrou toda a sua existencia à tarefa de educar e orientar os seus três filhos, dois dos quais estudaram Medicina, enquanto o terceiro preferiu a carreira das armas.

## Enfermeira

Em 1865, com a irrupção da guerra entre o Brasil e o Paraguai, provocada por Solano Lopez, Ana Neri, já viuva, resolveu seguir para o campo de batalha, acompanhando seu irmão, o tenente coronel Joaquim Mauricio Teixeira, e três filhos, um deles militar e os dois outros medicos. Senhora muito estimada da sociedade baiana, o seu gesto foi grandemente louvado, sendo na sua partida muito aplaudida e coberta de flores pelo povo ("Mulheres Ilustres do Brasil" — Ignês Sabino — 1899 — Livraria Garnier-Rio de Janeiro).

## Cinco anos de devotamento

É facil avaliar as dificuldades encontradas pela ilustre dama para alcançar os seus objetivos. Inicialmente, desejava ela permissão para servir na retaguarda das tropas, em hospitais que seriam localizados na Provincia de Rio Grande do Sul. E é ela mesma quem afirma na petição dirigida à autoridade competente:

— "Nada impede que eu ofereça os meus serviços em qualquer dos hospitais do Rio Grande do Sul, onde se façam precisos, com o que de satisfazer, ao mesmo tempo, os impulsos de mãe e os deveres de humanidade para com aqueles que ora sacrificam suas vidas pela honra e brio nacionais e pela integridade do Imperio".

Concedida a permissão, Ana Neri incorporou-se ao Exército, servindo nos hospitais de sangue de Salto, Corrientes, Humaitá e Assunção. Na capital paraguaiá organizou uma enfermaria em sua propria casa. Durante quase todo o tempo da longa campanha permaneceu ela ao lado dos nossos soldados. Foram cinco anos de desvelo, de dedicação e desprendimento. Suporhou Ana Neri as maiores fadigas, os espetáculos mais cruciantes, juntamente com as intrepidas irmãs de caridade, as devotas filhas de São Vicente de Paulo.

## Morte dos filhos

Certo dia, entre os mortos e feridos transportados ao acampamento, Ana Neri encontrou o cadaver desfigurado de um dos seus filhos. A valorosa dama, recalçando no amago do coração a dor que o lacerava, não deu mostras de fraqueza e continuou a prestar socorros aos que deles necessitavam, soldados combatentes, brasileiros, argentinos e paraguayos... Perdeu, ainda, na luta sangrenta, o outro filho.

## Regresso

Terminada a luta, voltou Ana Neri ao Rio, com as tropas victoriosas, recebendo entusiasticos aplausos do povo, coberta de bençãos e de flores. De regresso à Bahia, as senhoras da Provincia lhe ofereceram um album, exprimindo a sua gratidão. Uma coroa de louros cravejada de brilhantes lhe foi tambem ofertada, tributo do reconhecimento popular, a quem tão alto erguera os nobres sentimentos da mulher brasileira — Ana Neri, congnominada a "Mãe dos Brasileiros". O governo imperial fixou-lhe uma pensão anual de um conto de réis (mil cruzeiros), que foi aplicada na educação e manutenção de orfãos que trouxera do campo de luta. Recebeu, ainda, do governo uma medalha de prata pelos serviços prestados aos soldados brasileiros.

## Falecimento

Faleceu Ana Neri no Rio de Janeiro, em 20 de maio de 1880. Sua fama, seu altruismo e dedicação ao proximo alcançaram os quatro cantos do mundo. O nome da abnegada patricia figura entre os das fundadoras da Cruz Vermelha Mundial.

## Patrona da enfermagem

Por decreto de n. 2.956, de 10 de agosto de 1928, o governo da Republica dos Estados Unidos do Brasil instituiu o "Dia da Enfermeira Brasileira", simbolizada em Ana Neri, precursora da Enfermagem Nacional.

# Lembrando Ana Néri

PROF. CARLOS DA SILVA LACAZ

1880/

Ana Justina Ferreira Néri nasceu na antiga vila cachoeira do Paraguaçu, no Estado da Bahia, a 13 de dezembro de 1814, tendo falecido na cidade do Rio de Janeiro, na tarde de 20 de maio de 1880. Berço de heróis e terra de civismo, a Bahia foi quem nos deu a primeira enfermeira, abandonando o sossego do lar para dirigir-se ao campo de batalha, na guerra do Paraguai. Foi ela a precursora, entre nós, da Cruz Vermelha Brasileira. O nome de Ana Néri, dado à Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio de Janeiro, fundada em 1923 graças a Carlos Chagas e Eurico Villela, reflete o justo reconhecimento nacional à mulher que primeiro praticou, ao clamor das batalhas, o dever de acudir os feridos, com indômita coragem e admirável solicitude. Casada com o capitão de fragata Isidoro Antônio Néri, teve três filhos, um dos quais dedicou-se à carreira das armas. Havendo os mesmos seguido para as lutas nas terras paraguaias, num gesto de altruísmo, Ana Néri, a 8 de agosto de 1865, dirige-se ao então presidente da Província, dr. Manoel Pinto de Souza Dantas, colocando-se à disposição de sua Pátria. De imediato, foi a ilustre dama incluída entre os 18.725 heróis baianos que participaram da guerra do Paraguai. A 13 de agosto de 1865 partia para as longínquas terras dominadas por Solano Lopez. Durante cinco anos assistiu nossos irmãos, servindo à Pátria, com elevado zelo e humanidade superior. Por muito tempo foi chamada a "Mãe dos Brasileiros", acudindo aos soldados em Corrientes, Salto, Humaitá e Asunción.

Perdeu um de seus filhos, Justino, cirurgião da Armada, no campo de batalha, bem como um sobrinho, o jovem alferes, Artur Ferreira. A 5 de junho de 1870, acompanhada de quatro órfãos de guerra, regressa a Salvador, recebendo excepcionais homenagens, salientando-se a oferta de uma coroa de louros e brilhantes e a tela elaborada por Vítor Meirelles, para o edifício do Paço Municipal. O Governo Imperial concede-lhe, de imediato, num gesto de reconhecimento, pensão anual de um conto e duzentos mil réis, além da "Medalha Humanitária de 2.ª Classe e de Campanha, com passador de ouro n.º 5". Pouco tempo depois voltou para o Rio de Janeiro, onde faleceu, tendo sido enterrada no Cemitério de São Francisco Xavier. Felizmente, os brasileiros, não esqueceram seu nome, imortalizando-a entre os lídicos heróis nacionais. A "Sociedade Brasileira de Educação e Integração", presidida pelo dr. Bueno de Azevedo Filho, profundo



Na próxima terça-feira, comemora-se o centenário de sua morte.

conhecedor da vida e obra de Ana Néri, reverenciará condignamente, em São Paulo, a memória da ilustre balana, patrona daquela Associação.

Primeira enfermeira voluntária de guerra, em nossa Pátria, foi a ilustre balana um modelo de dedicação, servindo a todos, na missão apostolar de semear o bem, como anjo tutelar dos doentes, ajudando-os a suportar suas angústias, com o alívio de sua presença sempre agradável e, até certo modo, reparadora da saúde.

A Enfermagem de hoje tem ciência no seu conteúdo e arte, na aplicação, mas, como em Medicina, os valores transcendentais da assistência aos que sofrem, esses precisam ser preservados, porque fazem parte de "ethos" da própria profissão. Por isto, tenho sempre afirmado que a Enfermagem, como a Medicina, constituem um estado de espírito, um ideal de vida, uma destinação, uma dimensão alta da própria existência humana.

Felizes os que escolheram a Enfermagem para amá-la.

Ao evocar a figura de Ana Néri, como atual diretor da Escola de Enfermagem da USP, e seu antigo professor de Microbiologia e Imunologia, louvo o esforço e a dedicação de todos os enfermeiros nos cuidados que oferecem aos doentes, trabalhando sempre, dia e noite, servindo a seu semelhante, na eterna luta do homem contra a doença e contra a morte. E, finalmente, que a frase milenar de Hipócrates, aplicada também à Enfermagem, encerre esta minha crônica, exortando a todos os profissionais desta área de saúde ao cumprimento do seu dever: "A vida é curta, mas a arte é longa e, para dominar a arte e acrescentar-lhe ao patrimônio humano alguma coisa, é necessário antes de tudo que a brevidade da vida se multiplique no trabalho, se enriqueça no amor, se ilumine no ideal e se retempere na luta."



(Do jornal "Folha de S. Paulo" de 18-maio-1980)